



## **DIÁLOGOS COM ESTUDANTES ACERCA DO CORPO E SUA RELAÇÃO COM A MORTE NA CULTURA TICUNA**

Esther Isabella da Trindade Vieira<sup>1</sup>

Daniela Sulamita Trindade da Silva<sup>2</sup>

### **RESUMO**

Esse artigo tem por objeto compreender a percepção dos estudantes do Ensino Médio sobre o corpo e a morte, considerando a cosmologia Ticuna como recurso didático-fenomenológico e a Lei 11.465/08, que inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. A pesquisa de trajetória qualitativa e observação participante, descortina seu caráter exploratório através da fenomenologia de Merleau-Ponty, combinando a realização de oficina dialogada, registro de caderno de campo e imagens de desenhos elaborados por 38 estudantes que participaram da discussão sobre a temática em dois dias no primeiro semestre de 2019. Na oficina dialogada observou-se que através do modo Ticuna de teorizar a morte, bem como, a simbolização dos conflitos/tensões do cotidiano nos desenhos dos estudantes, a expressão ontológica dos corpos desses sujeitos, se apresenta como energia presente nos modos de ser em resistência às teias simbólicas (família, escola, ciência).

**Palavras-chave:** Fenomenologia, identidade, alteridade, ontologia e Ticuna

### **INTRODUÇÃO**

Entre o séc. XII e a primeira década do séc. XVIII a narrativa ocidental submeteu o corpo a taxinomias e hierarquizações, matrizes classificatórias e imagens, baseadas nas teorias do Conde de Buffon e Carlos Lineu. Os aspectos físicos foram o ponto crucial na classificação do mundo animal no inventário das diferenças de todos seres existentes na Terra (RAMINELLI e SILVA, 2014). Para Aguiar (2012) os traços superiores eram atribuídos aos brancos, europeus, civilizados e os depreciativos aos indígenas, descritos como selvagens, que precisavam ser catequizados, contidos e expropriados de seus territórios.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA) da Universidade Federal do Amazonas – UFAM, esthertrindade@hotmail.com.

<sup>2</sup> Professora Orientadora: Mestre pelo Curso de Pós-Graduação em Educação no Ensino de Ciências da Universidade Estadual do Amazonas- UEA e Professora da Educação Infantil na Secretaria de Estado de Educação e Qualidade de Ensino do Amazonas- SEDUC, danielasat76@gmail.com.

Artigo financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado do Amazonas (FAPEAM)



Durante o século XVIII, os Ticuna foram catequizados, conduzidos aos descimentos, reordenados em um povoado único, e expropriados de seus territórios (ERTHAL, 1998). Oliveira Filho (1988) ressalta que na primeira metade do séc. XIX essa etnia já se distribuía de maneira não uniforme pelo seu território, ora nas terras dos altos igarapés, se implantando mais próximo das margens do Rio Solimões. Com uma história marcada pela resistência foi somente nos anos 1990 que os Ticuna lograram o reconhecimento oficial da maioria de suas terras (ISA, 2019). Os projetos de desenvolvimento econômico, as atividades agrícolas e extrativas, além das queimadas em grande escala, constituem uma grande ameaça a população Ticuna e demais indígenas. A luta contra a degradação ambiental do território, a manutenção da cultura, mediante a relação com a comunidade envolvente são alguns dos desafios enfrentados pelos povos indígenas na Amazônia.

Como eixo metodológico baseamos a pesquisa em um dispositivo teórico-analítico que tem por referência o estudo antropológico do conceito de corpo simbólico em David Le Breton e o conceito de morte domesticada, na perspectiva ocidental esclarecida por Philippe Ariès (1989, 2017). A explicação do tipo xamânica sobre a morte na cultura Ticuna, é aqui formulada por João Pacheco de Oliveira Filho (1988) e Regina Erthal (1998). O aspecto de percepção adotado nesse estudo verte na crítica de Merleau-Ponty, para o autor o corpo objetivo "é apenas um momento na constituição do objeto, o corpo, retirando-se do mundo objetivo, arrastará os fios intencionais que o ligam ao seu ambiente e finalmente nos revelará o sujeito que percebe assim como o mundo percebido" (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 110).

Ao averiguar a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) do Ensino Médio viu-se que na área de linguagem e suas tecnologias a visão sobre o corpo na educação física é discutida a partir dos componentes do movimento e de desenvolvimento de práticas corporais que incentivam o desenvolvimento do autoconhecimento e do autocuidado com o corpo, como medidas de manutenção da saúde. Na área de ciências da natureza e suas tecnologias, uma das competências a serem desenvolvidas é a construção e utilização de interpretações sobre a dinâmica da Vida, da Terra e do Cosmos. Na área de ciências sociais aplicadas que integra Filosofia, Geografia, História e Sociologia, o documento orienta a aprofundar as noções da diversidade de tradições étnicas, incentivando os jovens a questionarem sobre si e sobre o mundo em que vivem, de modo que desenvolvam a capacidade de estabelecer diálogos com os saberes de uma cultura distinta.

Desse modo, o corpo precisa ser visto não somente como biológico e psicológico, mas também como um corpo social e cultural. A abordagem sobre o corpo e a morte na perspectiva



Ticuna, no contexto escolar do ensino médio, foi aqui pensado com o intuito de oferecer aos estudantes da escola pública, a possibilidade de conhecerem algumas práticas e linguagens corporais, verbais e culturais dos Ticuna, vivenciando-as como formas de expressão de valores e identidades numa perspectiva diferente de ser corpo e de pensar a morte. Desse modo, os estudantes tiveram a oportunidade de compreender o corpo como uma construção cultural, e, portanto, “simbólica, para a qual a corporeidade emerge como sua expressão de existência no mundo” (NÓBREGA, 2016, p. 8).

Neste estudo do corpo que se pretende como estudo da espacialidade, a linguagem simbólica do mito Ticuna e o desenho dos alunos serão apresentados como exemplos que mostram um sentido expressivo da corporeidade e do “logos silencioso do gesto” (NÓBREGA, 2016, p. 82). Não se trata mais de dar ênfase a descrição dos sujeitos perceptivos, mas na sensorialidade do corpo, entrelaçando a ideia de cultura aos contornos ontológicos da linguagem mitológica e da expressão estética do desenho dos alunos.

Ressalta-se, contudo, que esse corpo-expressão dos estudantes é um corpo cortado pela historicidade, pelas afecções<sup>3</sup>, pelo mundo da vida e da vivência com a criminalidade e com a morte. Aprender a administrar esses encontros de forma educativa é buscar junto com os estudantes, ampliar a potência de existir, ainda que a realidade se apresente de maneira violenta e controversa, como é o caso dos jovens que vivenciam a criminalidade na periferia da cidade de Manaus-AM. Segundo o Diagnóstico de Criminalidade do Estado do Amazonas (2012), Manaus concentra aproximadamente 90% dos crimes de homicídio ocorridos em todo o Estado e a Zona Leste de Manaus 33%. O bairro onde se situa o lôcus da pesquisa é responsável por 28% dos casos de homicídio. A maior parte das vítimas tem idades entre 18 e 24 anos.

A história de sobrevivência desses jovens em meio a barbárie se encontra com a história de luta do povo Ticuna, duas existências que produzem formas ontológicas de avivar a sua identidade. Compreende-se por ontologia o estudo do ser responsável por abarcar fenômenos não racionalizáveis totalmente, a exemplo da morte (FERRAZ, 2008). Considerando a cultura Ticuna como recurso didático-fenomenológico, esse estudo tem como objetivo compreender a percepção dos estudantes do Ensino Médio sobre o corpo e a morte, captando as lógicas sociais e culturais de resistência dos estudantes e dos índios da etnia Ticuna, na construção de suas existências ontológicas.

---

<sup>3</sup> Substância que consiste de infinitos modos pelos quais a imaginação apreende a realidade (SPINOZA, 2009). É o movimento de intercorporeidade, no qual, um corpo é modificado na situação de encontro com um outro.



## METODOLOGIA

O ensino que acolhe o saber indígena em sala de aula é legitimado pela Lei 11.465/08, que inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Atendendo a uma reinvidincação do movimento indígena no país e de estudiosos, a lei é uma tentativa de conceder à Educação Básica brasileira os mecanismos para um ensino sobre as diferenças culturais e contribuições dos povos indígenas no arranjo da formação da sociedade (UNESCO, 2012).

A cristalização dos mitos, lendas e costumes indígenas como atos demoníacos e canibais é um arquétipo alimentado pela presença do logocentrismo diluído pela religião cristã. Os preconceitos constituídos à respeito do saber indígena delinearão em uma generalização, operando uma noção de índio genérico, bárbaro e desprovido de uma identidade única. Em 2010 o IBGE realizou um censo onde a população brasileira somaria 190.755.799 milhões de pessoas sendo 817.963 mil indígenas, os quais representantes de 305 diferentes etnias. Foram registradas no país 274 línguas indígenas (FUNAI, 2010).

Os sistemas de representação que acompanham a orientação cultural são empregnadas de subjetividade. A assimilação de “mito” do homem indígena é dessemelhante ao de um homem ocidental. Durkeim (2008) retrata em *Les formes élémentaires de la vie religieuse* que os mitos, gnomos e elfos são representações que exprimem a natureza das coisas sagradas. A natureza revelada nos mitos tratam de seres espirituais ou materiais com atributos diversos, podem ser unos ou múltiplos; em mitologia, é um axioma equivalente ao todo. Enquanto a história oficial narra viagens além mar, o tesouro de um castelo e batalhas de cavaleiros, o ato de reconhecer os mitos e lendas dos povos indígenas e africanos, de quem somos linhagem, enriquece a nossa identidade como ato de desterritorialização absoluta<sup>4</sup> (DELEUZE e GUATTARI, 1996).

Cada sistema cultural vive o seu próprio universo de símbolos e significados. Cada cultura possui sua própria simetria. Portanto, “cada cultura somente pode ser compreendida em toda a sua experiência, “de dentro para fora”. Isto é, do interior de sua própria lógica para qualquer outra” (BORGES, 2009). Adotamos o caminho da abordagem qualitativa e observação participante, seu caráter exploratório e fenomenológico possibilita a apreensão da experiência

---

<sup>4</sup> Para Deleuze e Guattari a desterritorialização absoluta refere-se ao pensamento que se faz no processo de desterritorialização. Isto quer dizer que o pensamento é desterritorialização, onde para se criar de algo novo, é necessário romper com o território existente, criando outro (DELEUZE e GUATTARI, 1996).





vivida do fenômeno da morte em seus múltiplos contornos, históricos, sociais, políticos, biológicos, culturais, entre outros (MOREIRA, 2004) e propicia a apreensão dos significados atribuídos pelos sujeitos colaboradores ao fenômeno investigado.

A observação participante aderida constitui um instrumental de raiz antropológica, que sugere a inserção de um pesquisador num campo de investigação formado pela vida social e cultural de um outro, próximo ou distante, integrante de determinadas comunidades, inclusive a escolar. A pesquisa empírica foi realizada numa escola pública da zona leste de Manaus-AM, e seguiu uma trajetória qualitativa, cunhada na fenomenologia de Merleau-Ponty (1999), alinhada com algumas técnicas da etnografia. A intervenção por meio da oficina, com duração de dois dias (40 minutos/dia), permitiu a aplicação dos instrumentos, caderno de campo, registro de narrativas e desenhos, para enfatizar as concepções de 38 sujeitos-estudantes do primeiro ano do Ensino Médio, sobre o corpo e a morte.

1º Encontro: No dia 06 de julho de 2019, durante a aula de História, na primeira etapa das atividades, a pesquisadora apresentou o tema da oficina: A morte na cosmologia Ticuna. Em seguida, os estudantes foram convidados a elaborar seus desenhos, instigados pela pergunta: “Na sua concepção, o que vai acontecer com o seu corpo após a morte?”. Após a realização do desenho, na segunda etapa da atividade, foi apresentada a teoria dos Ticuna sobre a morte.

2º Encontro: No dia 30 de julho de 2019. Convidamos os autores dos desenhos a dialogarem sobre suas obras. No corpo apreendido na fenomenologia de Merleau-Ponty (1999) prospera uma infinidade de percepções sob diversos ângulos de aproximação. O corpo é uma corrente incessante, é cepa identitária e se alça entre o céu e a terra por meio dos sistemas simbólicos que compartilha com os membros da sua comunidade (LE BRETON, 1990, 2004).

No segundo momento do primeiro dia de oficina, a elaboração dos desenhos permitiu captar as percepções, fruto da relação entre o sujeito-estudante, o cotidiano, com os outros. Segundo Le Breton, o indivíduo e as percepções sensoriais estão entrelaçadas entorno da sua construção social e cultural, de sua história de vida, de sua corporeidade. O desenho aqui, é objeto privilegiado para essa reflexão, assim como a pintura é expressão, operação reflexiva do corpo próprio e comunicação com o mundo através do olhar e da sensibilidade, na análise merleau-pontyana. Na ocasião da produção dos desenhos alguns estudantes escreveram pequenos textos para complementar a ideia que desejavam expressar.

Ao seguir as pistas deixadas pela teoria do conhecimento desenvolvida pelo filósofo holandês Benedictus Spinoza (2009), observa-se a possibilidade de contextualizar a dinâmica dos afetos e a unidade corpo-morte na promoção de um encontro proveitoso entre a



pesquisadora, os estudantes do ensino médio, no sentido de favorecer o conhecimento sobre o corpo e a morte, tendo como fio condutor a educação e o ensino de história. Fazer história, assim como o ofício do historiador estão intimamente ligados ao compartilhamento de ideias e afetos com os alunos. A eleição de uma temática do mito Ticuna, em detrimento aos temas de guerras e ocupações protagonizadas por ocidentais, perpassa ainda na opção que se faz em promover o encontro entre esses estudantes e as vivências indígenas Ticuna. “Essa vivência experienciada prepara melhor o indivíduo para manter relações com o mundo” (NOVIKOFF e CAVALCANTI, 2015, p. 102).

Uma vez que o “corpo é feito da corporeidade dos corpos no mundo” (NÓBREGA, 2016, p.83-84), corpo enquanto expressão de potência, se torna mais diversificado e complexo quanto maior for sua capacidade de ser afetado por outros corpos (CHAUÍ, 2011). É a dinâmica do encontro que provoca o pensamento. No sistema spinoziano essa decisão não é racional ou voluntária, visto que o pensamento tem uma base afetiva que o sustenta e acompanha durante o processo de conhecimento de si e da natureza. Na epistemologia de Spinoza a imaginação, a razão e a intuição intelectual são três diferentes gêneros de manifestação desse conhecimento.

A imaginação, ainda que resultante das impressões que um corpo recebe de outros corpos, deve ser entendida como essencial no processo de ensino-aprendizagem, pois ela possibilita revelação do real a partir da experiência do outro, servindo como meio de crescimento da experiência do homem (VIGOTSKI, 2011). Nesse conhecimento, as ideias são resultantes de uma repetição de sensações semelhantes, gerais e confusas das coisas. As ideias que partem de uma invenção de explicações imaginárias sobre a morte é uma maneira de ensaiar criativamente a defesa contra esse fenômeno incompreensível e hostil. O movimento dialético entre o imaginário e o racional permite ao aluno a descoberta do outro por meio de suas lendas e mitos. O professor, seja ele historiador ou não, deve provocar a dilatação das ideias em seus alunos, visto que o mundo é meio de evidência e estamos mergulhados em um universo que nada mais é a não ser o que percebemos (LE BRETON, 2018).

O mito Ticuna sobre a morte e as crenças da tribo foram narrados pela pesquisadora em forma de contação de história. Esse mito conta a respeito de um tempo em que o povo Ticuna foi criado por *Yoi* e *Ipi*. *Yoi* utilizou isca de macaxeira para pescar peixes que se transformaram em gente, ao serem retirados das águas do igarapé do *Ewaré*<sup>5</sup>. Essa primeira geração de homens pescados é chamada de *üüne*, os imortais, em contraste com os *yunatü*, os atuais mortais

---

<sup>5</sup> O Ewaré é a habitação dos imortais, heróis culturais, local inacessível aos humanos, mas acessado pelas moças reclusas na viagem de iniciação.



Ticunas, descendentes do povo Maguta, que foram abandonados por seus deuses criadores por motivo de desobedecerem às regras da tradição. Foi enfatizado que o desdobramento do mito é a separação de quatro mundos inferiores e três superiores superpostos (ERTHAL, 1998).

Informamos que o primeiro mundo inferior é o mundo subaquático habitado por peixes, o segundo é o mundo subterrâneo, para onde vão os mortos, morada dos anões e da cobra que come defunto. O terceiro mundo é habitado pelos humanos sem ânus e ainda abaixo, existe o quarto mundo, habitado por homens sem olhos (FAULHABER, 2007). Quanto aos céus, os informantes de Oliveira Filho (1988) descrevem três céus, o primeiro habitado por *Taé*<sup>6</sup>, por uma parte das almas dos mortos e pelo *Urubu-Rei*, o segundo habitado por pessoas transformadas em pássaros e o terceiro é o que pode ser alcançado por nossa visão, a morada do sol das estrelas. Agitados e desatentos, os alunos se mostraram inconformados com o destino dado aos seres imperfeitos.

No segundo dia da oficina, os alunos que anteriormente estavam agitados, foram tomados por entusiasmo ao olharem atentos aos seus desenhos apresentados como obra de arte, pois suas produções não eram imitações, uma vez que tornaram visíveis a pulsão secreta e febril do corpo sobre a morte. Isso permitiu compreender que o fenômeno morte, depende de uma dimensão virtual da percepção para ser visto enquanto tal. A percepção não é o indício de um objeto sobre um órgão sensorial inerte, mas um exercício de saber que desagua na confirmação ou cria de uma reflexão (LE BRETON, 2006).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre as 38 produções de desenhos e textos com uso de papel ofício, giz de cera e canetas, selecionamos os desenhos abaixo, por apresentarem alguns traços sugestivos de análise. No desenho de Álvaro, que a princípio não traz nenhum código que remeta a ideia de vida após a morte, a opção pelos traços sem cores mostra um sujeito que oferece uma corrente aos outros que o olham assustados. Numa forma de sopro e grito mudo, esse desenho demonstra a reação repulsiva do (CsO) a um agente perseguidor e misterioso que tenta aprisionar o desejo e as forças produtivas (DELEUZE & GUATARRI, 2011).

---

<sup>6</sup> Taé é aquela que recebe a alma dos mortos que será julgada.

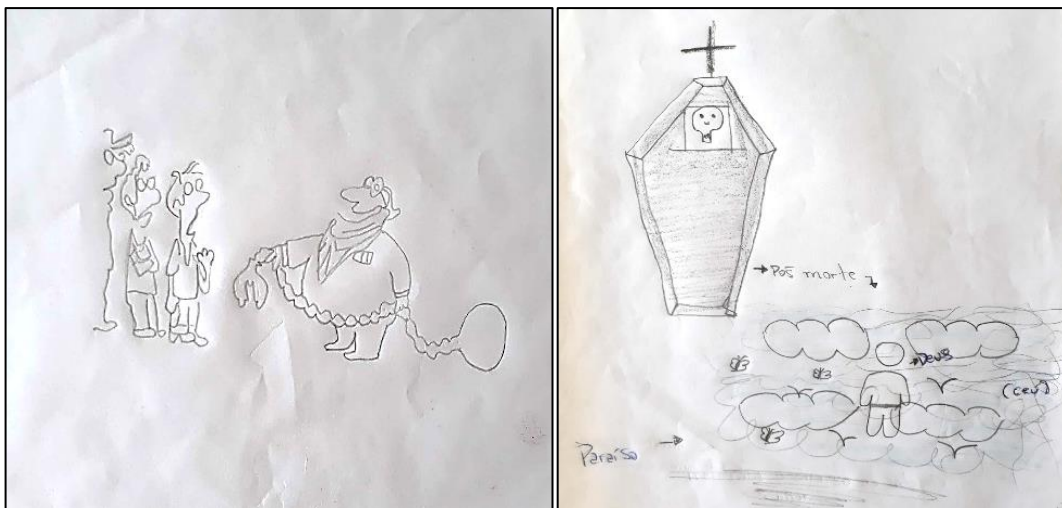


Figura 1- Desenho dos estudantes Álvaro (à esquerda) e Jeniffer (à direita).

Fonte: VIEIRA, Esther

É possível que esse corpo tenha excedido os códigos e inscrições impostos pelo saber poder da escola. No desenho de Jennifer o rosto da caveira transparece no vidro do caixão de madeira, seguido da palavra pós morte e são complementados pela imagem de um sujeito que paira entre as nuvens, seguido da palavra paraíso. De certa forma, o caixão (caixa simétrica) é um código que comporta uma singularidade organizada/adequada que dilui o ser nas disjunções impostas pela lei binária da religião: terra e paraíso.

Entre os séculos V e X, que demarca a Alta Idade Média, o corpo humano era território de um duelo entre o bem e o mal, entre as chagas e a cura (ROUCHE, 2009). O pecado marcava o corpo com os sinais da transgressão, o milagre com o sinal do arrependimento. O papel da Igreja na sociedade medieval está intimamente ligado com todas as estruturas de poder, o corpo do cristão é adornado com tabus que corroboram para a obediência com quem está no céu e com quem está na terra. O conjunto de taxionomias criadas sobre o controle religioso aliado à política vigente edificam um domínio milenar que escreve o corpo como elemento histórico.

Quanto a formação do imaginário religioso, Spinoza (2009) denuncia, de certa maneira, o jogo de interesses e as relações de poder que envolve o uso da Bíblia por soberanos e teólogos como instrumento de reprodução da superstição e da passividade. É impossível negar que, essas ideias religiosas são responsáveis por grande parte das opiniões imaginárias cotidianas sobre o corpo e a morte. Neste caso, apesar de se manifestarem de maneira particular em cada corpo, as afecções podem ser compartilhadas no convívio, a partir de recordações sobre palavras lidas ou ouvidas em algum lugar, sobre as quais se formulam ideias.





Para que os estudante substituíssem essas noções universais e ascendessem ao conhecimento racional e intuitivo, de terceiro gênero, foi preciso indagar as ideias intuitivas e mostrar que existem outras maneiras de pensar o corpo e morte, além do imaginário cristão ocidental. A apresentação do mito Ticuna promoveu uma ocasião de encontro com ideias que forçaram-lhes a pensar. “Um estudo é uma sala de encontros com [...] ideias, pessoas, [...] entidades e movimentos” (NOVIKOFF e CAVALCANTI, 2015, p. 101) que se mobilizam com base em um esforço reflexivo sobre seus afetos e ideias, na busca pela compreensão dos conceitos. A produção do desenho permitiu o exercício de processos sensório-motores e a ampliação da espacialidade do corpo, permitindo a produção de significações mais amplas e revelando novas formas de compreender o mundo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As respostas e reflexões sobre as perguntas elencadas oportunizou o compartilhamento de relatos, práticas cotidianas, comportamentos, atitudes, (GATTI, 2012) e percepções sobre o simbolismo do corpo e da morte entre os integrantes desta comunidade. Em defesa de uma corporeidade, a fenomenologia ancorada a Merlau-Ponty (1999) atuou como princípio de crítica epistemológica acerca das categorias de análise; isso quer dizer que a pesquisadora esteve aberta a novas formas de organizar a realidade, que não as estritamente científicas ou as de senso comum geral.

Ainda que os códigos imprimam nos corpos dos Ticuna e dos jovens estudantes uma dimensão identitária: o ritual, a crença, a família e a escolarização, restará algo, uma energia que não se deixará marcar ou diluir na teia simbólica. É a expressão subversiva do corpo, que vaza por essa teia e se coloca como tensão/resistência, vista como objeto teórico-intelectual (AUGÉ, 1994) na medida em que a existência ontológica dos corpos humanos não puder se dar sem excessos e diferenças em face aos sistemas institucionais de saber-poder educativo, econômico e político. O pensamento dos Ticuna sobre a vida após a morte, suas narrativas mitológicas e os desenhos dos estudantes trazem a voluminosidade do mundo e expressam uma fissura entre a teia simbólica e o cotidiano vivido com intensidade.



## REFERÊNCIAS

AGUIAR, José Vicente de Souza. **Narrativas sobre povos indígenas na Amazônia.** Manaus: EDUA, 2012.

ARIÉS, Philippe. **Sobre a história da morte no Ocidente desde a Idade Média.** Lisboa: Teorema, 2017.

\_\_\_\_\_. **O homem diante da morte.** Trad. Luiza Ribeiro. Rio de Janeiro: Francisco Alves, v.1, 1989.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade.** Tradução de Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papirus, 1994.

BORGES, M. (2009). **Da observação participante à participação observante: uma experiência de pesquisa qualitativa,** in: Ramires, J. C. de L.; Pessoa, V. L. S.(Orgs.). Geografia e pesquisa qualitativa nas trilhas da Investigação, Uberlândia: Assis Editora.

BRANDÃO, C. R. (Org.). (1999). **Pesquisa participante.** São Paulo: Brasiliense.

CHAUÍ, Marilena. **Desejo, paixão e ação na ética de Espinosa.** São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

DELEUZE, Guilles & GUATTARI, Félix. **O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia.** Tradução de Luiz B. L. Ortolandi. 2. Ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia.** Vol. 3. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

DURKHEIM, Emile. **Les Formes Elementaires De La Vie Religieuse.** Édition électronique. Paris: Cinqième Édition, 2001.

ERTHAL, Regina Maria de Carvalho. **O suicídio Ticuna na região do Alto Solimões.** AM. 303 f. Tese de (Doutorado em Saúde Pública). Fiocruz: Rio de Janeiro, 1998. Disponível em:< <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/4396>>. Acesso: 20 mai.2019.

FERRAZ, Marcos Sacrini A. **Fenomenologia e ontologia em Merleau-Ponty.** 271 f. Tese (Doutorado em filosofia). Universidade de São Paulo: 2008. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde08072008145806/publico/TESE\\_MARCUS\\_SACRINI\\_A\\_FERRAZ.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde08072008145806/publico/TESE_MARCUS_SACRINI_A_FERRAZ.pdf)>. Acesso: 03 jul.2019.

FAULHABER, P. **Interpretando os artefatos rituais Ticuna.** Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 17: 345-363, 2007.

FUNAI. FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO. **Quem são.** Disponível em: < <http://www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/quem-sao#>>. Acesso em: 27. agost. 2020.

ISA. INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. **Povos indígenas no Brasil: Ticuna.** Disponível em: < <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Ticuna> >. Acesso em: 10. jul. 2019.

Artigo financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado do Amazonas (FAPEAM)



LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Tradução de Sônia M.S. Fuhrmann. 4.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

\_\_\_\_\_. **Antropologia dos Sentidos**. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

MERLEAU-PONTY, Maurice de. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_, Maurice. **O olho e o espírito**. Trad. Mariela Chaui. São Paulo: 2015.

MOREIRA, Virgínia. **O Método Fenomenológico de Merleau-Ponty como Ferramenta Crítica na Pesquisa em Psicopatologia**. *Psicologia: reflexão e crítica*. v.17. n.3. 2004. p. 447-456. Disponível em: < [www.scielo.br/pdf/prc/v17n3/a16v17n3.pdf](http://www.scielo.br/pdf/prc/v17n3/a16v17n3.pdf) >. Acesso em: 28 jun. 2019.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. **Corporeidades: Inspirações merleau-pontianas**. Natal: IFRN, 2016.

NOVIKOFF, Cristina; CAVALCANTI, Marcus Alexandre de Pádua. Pensar a potência dos afetos na e para a educação. **Conjectura: Filos. Educ.**, Caxias do Sul, v. 20, n. 3, p. 88-107, 2015.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco. **O Nosso Governo: Os Ticuna e o regime tutelar**. São Paulo: Marco Zero; (Brasília, DF): MCT/CNPq, 1988.

RAMINELLI, Ronald; SILVA, Bruno da. **Teorias e imagens antropológicas na viagem filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira (1783-1792)**. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.*, Belém, v. 9, n. 2, p. 323-342, maio-ago. 2014. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v9n2/a05v9n2.pdf> >. Acesso: 18 fev. 2018.

ROUCHE, Michel. (2009). **Alta Idade Média Ocidental**. In: Ariès, Philippe; Duby, Georges (Direção). *História da Vida Privada: Do império romano ao ano mil*. Vol 1. São Paulo: Companhia das Letras.

SSP-AM. SERVIÇO DE SEGURANÇA PÚBLICA DO AMAZONAS. **Diagnostico da Criminalidade 2012 Estado do Amazonas**. Disponível em: < <http://www.ssp.am.gov.br/wp-content/uploads/2014/11/Diagnostico-da-Criminalidade-2012-Estado-do-Amazonas.pdf> >. Acesso: 01 de agost. 2020.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

UNESCO. ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. **Projeto 914 BRZ 1001.4 “Subsidio a Formulação e Avaliação a Políticas Educacionais Brasileiras”**. Disponível em: < [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=34951-documento-tecnico-historia-cultura-povos-indigenas-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=34951-documento-tecnico-historia-cultura-povos-indigenas-pdf&Itemid=30192) >. Acesso: 27. agost. 2020.



VIGOTSKI, Levy. S. **Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico.** São Paulo: Ática, 2011. [Livro para professores].